

PASCOAES: DA SAUDADE COMO RELEITURA DE PORTUGAL

PAULO F. MOTTA OLIVEIRA

"De Portugal enquanto realidade presente não espera Pessoa nada. Do Portugal como nauta de si mesmo, como história-profecia de que Mensagem interroga os anúncios e signos sucessivos, tudo. Sem Poder e sem Renome (...) Portugal não pode ser outra coisa senão teatro de uma 'epopéia da alma' (...)."

*Eduardo Lourenço*¹

Se a questão da decadência portuguesa era importante para Antero em 1871, também o é para Pascoaes, que cerca de quarenta anos depois, no período que vai aproximadamente de 1910 a 19, refletirá sobre este tema, produzindo, em função disto, uma série de conferências, artigos e livros. Buscarei aqui traçar alguns pontos de contato e algumas divergências, estas mais centrais que aqueles, entre estas duas reflexões sobre o destino português, a existente na conferência "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos", analisada pelo colega Francisco Furlan, e nos referidos textos de Pascoaes. Esta aproximação permitirá não só termos uma visão, ao menos superficial, do Saudosismo em Pascoaes, como também verificarmos as metamorfoses ocorridas entre as concepções que estes dois autores têm de Portugal.

De início é importante assinalar que, para Pascoaes, Antero foi alguém que, por viver em um momento de desânimo nacional, descreu na alma lusfada. Podemos encontrar, na conferência de 1871, vários elementos que nos permitem entender o porquê desta visão. Por enquanto nos contentemos com apenas um. Quase no final de sua conferência, Antero pergunta:

*"Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado"*².

Este trecho nos mostra o quanto Antero não era um português inserido nas tradições de seu país, mas alguém que, comparando o atraso português com a modernidade dos principais países europeus, opta por esta, e faz um apelo para que Portugal, rompendo suas tradições, entre em compasso com o progresso tecnológico da "Europa culta", adote como um de seus credos a crença no progresso, e readquira seu lugar na civilização.

Para Pascoaes não é nem com o progresso tecnológico, nem com a reintegração na Europa culta, que Portugal reencontrará seu lugar. Para ele, como diz em uma conferência de 1912,

“As nações pequenas só podem opor às tendências absorventes das grandes nações, como defesa da sua independência, o carácter, a originalidade do seu espírito activo e criador, a autonomia moral.”³

O lugar que cabe a Portugal só poderá ser reencontrado quando Portugal se encontrar consigo mesmo, com sua alma.

É neste prisma também que Pascoaes analisa a decadência portuguesa, tanto a anterior como a de seu tempo. Para Pascoaes, é a favor da decadência tudo aquilo que afasta Portugal de si. Na citada conferência de 12, encontramos o trecho:

“A decadência que sucedeu ao período épico ou camoneano (anterior a Camões) apagou, por assim dizer, o espírito português, preparou a invasão do ‘estrangeirismo’ desnacionalizador que revestiu vários aspectos; religioso (Inquisição no tempo de D. João III e o Jesuitismo); literário e político (Constitucionalismo e livros franceses).

O alto clero sempre fiel a Roma, os altos políticos sempre fiéis a Paris, têm sido os obreiros da nossa desnacionalização, os inimigos do nosso espírito e, por isso, da nossa independência.”⁴

Em outra conferência, a primeira de **A Era Lusfada**, publicado em 1914, Pascoaes retoma este tema, ao considerar a existência do que ele chama de uma ‘casta desnacionalizadora’, casta esta responsável pela venda de Viriato a Roma e que, após este episódio, teria reaparecido com

“os primeiros sintomas da nossa decadência ou, antes, do cansaço que sucede ao grande esforço”⁵.

Esta casta teria atingido o seu auge a partir de 1820, como afirma Pascoaes:

“Desde 1820 a alma lusfada emudece. A casta estrangeira atinge o seu maior predomínio, principalmente na política e na literatura, com raras e gloriosas excepções, como Frei Luiz de Souza, de Garrett.”⁶

Podemos entender agora, de forma mais clara, o ponto de vista de Pascoaes: para ele existem duas decadências. Uma primeira, como que gerada pelo cansaço das grandes descobertas, que, talvez, fosse superável. E uma outra, muito mais antiga e mais perniciosa, ainda atuante em seu tempo: o ‘estrangeirismo’, a tendência de importar modelos ou idéias estrangeiras e de aplicá-las em Portugal. É esta segunda a real fonte da decadência lusfada, por afastar Portugal de sua alma, e está presente tanto na Inquisição e no Jesuitismo, como no liberalismo, importado da França principalmente a partir de 1820.

Estamos agora mais aptos a aprofundar o diálogo que existe entre Pascoaes e Antero. Suas análises sobre a decadência portuguesa são absolutamente antagônicas. Para Antero a decadência é fruto, em grande parte, de fatores internos: as grandes descobertas e o absolutismo português. Para Pascoaes as causas são, na sua maior parte, de origem externa, e nenhuma relação têm com a alma lusfada: é uma classe que, apesar de portuguesa, renega a cultura de seu país e se põe a serviço de modelos estrangeiros, o motor do surgimento e da manutenção da

decadência lusfada. Não me interessa aqui verificar qual destas hipóteses é a mais correta, mas sim qual a imagem de Portugal que advém delas. Enquanto para Antero, Portugal está abaixo dos países cultos da Europa devido a um movimento intrínseco cuja superação exige um renegar e reestruturar heranças seculares, para Pascoaes Portugal não é inferior à Europa culta, mas foi inferiorizado por um movimento que vem de fora: não se trata de recuperar-se de um atraso intrínseco, mas de limpar o país do que é estrangeiro, recuperar a sua diferença e especificidade em relação à Europa.

Podemos agora entender de forma mais clara a descrença que Pascoaes atribui a Antero, ou seja, ler este, segundo aquele: Antero não acredita na alma lusfada na medida em que considera que foi esta própria alma que gerou sua decadência, e que portanto não se apresenta enquanto uma força que, sozinha, pode servir de fonte geradora para um novo progresso português. Para Antero existem características da alma portuguesa, algumas, como o 'beato' que ele quer expulsar, entranhadas durante a própria decadência, que precisam ser eliminadas antes de qualquer possível recuperação nacional. Em contrapartida, para Pascoaes a alma portuguesa é nitidamente positiva, pois gerou a Saudade, este ente divino que aponta ao mesmo tempo para a manutenção do que se foi e para a geração do que virá. Em relação a este aspecto temos um trecho bastante significativo no artigo "Renascença", publicado no primeiro número da segunda série de **A Águia**:

*“Se não existisse uma ‘alma portuguesa’, teríamos de evolucio-
nar conforme as almas estranhas, teríamos de nos fundir n’essa massa
amórfica da Europa; mas a ‘alma portuguesa’ existe, vem desde a ori-
gem da Nacionalidade; de mais longe ainda, da confusão de povos
heterogêneos que, em tempos remotos, disputaram a posse da Ibéria.
Houve um momento em que, no meio d’essa confusão rumorosa e
guerreira, se destacou um voz proclamando um Povo, gritando a Alma
d’uma Raça: foi a voz de Viriato; foi o Verbo creador que encarnou
em Afonso Henriques e se tornou Acção e Victoria. Depois fez-se
‘Verbo’ novamente, exaltou-se n’um sonho de imortalidade, e foi o
Canto eterno dos Lusíadas! Depois, cansado das longes terras, dos
longes mares, como que adormeceu n’um somno de tristêsa, de olhos
postos no Passado.. E sonhou... E n’esse momento, mais divino que
humano, a alma portuguesa gerou nas suas entranhas, penetradas por
uma luz celeste, a ‘Saudade’ a nebulosa do futuro Canto imortal, o
Verbo do novo mundo português. A Saudade é Viriato, Afonso Henri-
ques e Camões desmaterializados, reduzidos a um sentimento, postos
em alma estrême. A Saudade é o próprio sangue espiritual da Raça; o
seu estigma divino, o seu perfil eterno.(...)”*

*É na Saudade, ‘revelada’ que existe a razão da nossa Renas-
cença; n’ela ressurgiremos, porque ela é a própria Renascença origi-
nal e creadora.”⁷*

Como vemos, a história portuguesa, aqui reescrita por Pascoaes, é bastan-
te clara: a 'alma portuguesa' que existe enquanto Verbo e Ação até o período da
decadência, nele, expulsa da Ação e do Verbo pela casta estrangeirada que então
dominava o país, se transformou em sonho e gerou a Saudade. O que era Ação e
Verbo se converte em mito e religião. O discurso de Pascoaes, o uso do termo Ver-
bo, que foi no início, tanto para a **Bíblia** como para a alma lusfada, remetem-nos di-
retamente para o universo do religioso. Ainda mais mítico-religiosa é num trecho

da conferência “O espírito lusitano ou o Saudosismo”, em que todos os grandes acontecimentos da Raça são atribuídos à Saudade, como se esses fossem meros sinais dela enquanto Ser absoluto:

Foi a Saudade, transfigurada em Acção e Victória no corpo de Afonso Henriques que riscou na Ibéria as fronteiras de Portugal. Foi a saudade o zéfiro do Remoto que enfunou as velas das nossas Naus descobridoras. Foi ela que venceu em Aljubarrota. Foi ela que cantou as estrofes dos Lusíadas. Foi ela que dobrou o Cabo das Tormentas; e, fitando na noite tempestuosa, o vulto do Adamastor, o converteu num fragoroso promontório. Foi ela que despedaçou as nossas grilhetas em 1640, e, com um relâmpago dos seus olhos, fulminou o leão castelhano. Foi ainda ela que animou a alma popular no dia 5 de Outubro... essa última esperança que não devemos deixar morrer!”⁸

Este apelo a um universo mítico-religioso provavelmente está relacionado com a visão de que, como afirma Pascoaes,

“O Povo Português é felizmente um povo religioso, mas não católico (...)”⁹.

Neste aspecto Pascoaes e Antero concordam, pois como este afirma na sua já citada conferência:

“(...) Os povos peninsulares são naturalmente religiosos: são-no até d’uma maneira ardente, exaltada e exclusiva, e é esse um dos seus caracteres mais pronunciados. Mas são ao mesmo tempo inventivos e independentes: adoram com paixão: mas só adoram aquilo que eles mesmos criam, não aquilo que se lhes impõe. Fazem a religião, não a aceitam feita.”¹⁰

Se ambos concordam quanto ao carácter religioso do povo português, e chegam a esta conclusão utilizando-se, entre outros, de um mesmo dado histórico, as igrejas nacionais lusíadas da Idade Média, é a importância do religioso uma das grandes diferenças entre suas reflexões. Enquanto que na concepção de Pascoaes o religioso ocupa um papel central, em Antero o religioso praticamente aparece apenas enquanto causa da decadência (Inquisição e Concílio de Trento) e praticamente inexistente na sua proposta para um novo Portugal. Vejamos o que ele diz sobre este aspecto:

“Oponhamos ao ‘catolicismo’, não a indiferença ou uma fria negação, mas a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano, (isto é, a fusão do divino e do humano), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado.”¹¹.

Podemos ver que existe muito pouco de propriamente religioso nesta proposta anterior: consciência livre, filosofia, ciência, crença no progresso, são categorias que não apontam para a transcendência, além do que, na medida em que não é definido o que é divino na sua concepção, a própria “contemplação direta do divino” não tem um real significado.

Este quase total esvaziamento do religioso em Antero, contraposto à importância do mesmo em Pascoaes, poderia aparentemente ser visto como um reflexo do período em que os textos foram produzidos. E o próprio Pascoaes daria fundamentos para esta hipótese pelas numerosas vezes a que faz referência a uma nova importância da religiosidade numa sociedade até então sob a égide do progresso e do materialismo. Alguns rápidos exemplos podem mostrar esta postura. Em **O Gênio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa**, publicado em 1913, considera que a vitória da ciência

“(...) expulsou Jesus do coração humano, que ficou a chorar a sua viuvez... E esta viuvez tem aparecido à luz da publicidade, em várias partes do mundo, com o nome de ‘tristeza contemporânea’, ‘o mal do século’, ‘a crise moral’, etc.”¹²

Na primeira conferência de **A Era Lusíada**, Pascoaes afirma:

“(...)O sonho da divindade, isto é, o sonho d’uma vida mais perfeita e duradoura, liberta do sofrimento e da morte, fará parte da creatura eternamente. (...) Cançado da palavra espessa, erudita, racional, o homem espera, com sobressalto a palavra viva, espontânea, que crie uma nova Fé...”¹³.

Nesta mesma conferência Pascoaes tece considerações sobre movimentos em vários países que, de uma forma ou de outra, tentam criar uma nova religiosidade.

Estes fragmentos, e outros não citados aqui, dariam elementos para supormos que a diferença na importância da religiosidade entre as reflexões de Pascoaes e Antero seriam fruto de momentos culturais distintos no tocante à tensão entre o transcendente e a matéria. Porém creio que esta é uma pista falsa, apesar de ser fruto das reflexões de Pascoaes sobre seu tempo. Se essa diferença de momentos culturais existe, ela é menos importante que uma outra, que se liga à interpelação a Portugal que os dois autores fazem, da qual falaremos. Antes, porém, é importante salientar que Pascoaes cria toda uma mitologia em torno da nova religião que existe na Saudade: ele considera que a raça portuguesa é formada por uma mistura em partes iguais de sangue semita (que deu ao mundo o Judaísmo e o Cristianismo) e de sangue ariano (que deu ao mundo o Paganismo), e é consequência disto a criação da Saudade, que é

“(...) o desejo da Cousa ou Criatura amada, tornado dolorido pela ausência.”¹⁴

mistura de desejo carnal, de origem pagã, com a dor espiritual, de origem judaico-cristã. Como ele afirma,

“A Saudade pelo desejo (desejar é querer, e querer é esperar), em virtude da própria natureza do ‘Desejo’, é também Esperança, e pela ‘Dor’ é Lembrança. Pela esperança e pelo desejo, a Saudade é Vénus; pela dor e pela lembrança é a Virgem Dolorosa. Vénus é a flor dos Árias; a Virgem, a flor dos Semitas; e agora a ‘Saudade’ é a nova Flor; a Flor dos Lusíadas, filha daquelas duas flores que perfumaram o mundo...”¹⁵.

As conclusões que Pascoaes retira desta construção, que claramente é mítica, são de que a Saudade será a nova flor que irá perfumar um mundo carente de religiosi-

dade, e que o messiânico povo de Portugal

*“tendo dado à Humanidade o mundo físico, compete-lhe dar agora um novo mundo moral”*¹⁶.

E este novo mundo moral e religioso geraria a **Era Lusfada**.

Contraposto a este lado mítico-religioso, as propostas concretas de mudança que Pascoaes faz são bastante imprecisas, bem menos rigorosas. Na parte de sua obra que consultamos, onde ele chega mais perto desta concretude é no capítulo “Como cultivar o sentimento de sacrifício”, do livro **Arte de ser Português**, publicado em 1915, do qual extraímos estes trechos:

“Foi por intermédio da vida municipal que, entre nós, a Família começou a existir politicamente.

Os Municípios devem ser o ponto de contacto entre a Família e a Pátria, diminuindo o Estado directamente daqueles, sem os terríveis intermediários que têm o nome de partidos, facções, clientelas, etc.” O Estado derivaria da própria organização municipalista. Cindida esta nas suas várias corporações, formaria o governo local, o governo municipal; reunida superiormente, em Cortes, constituiria o Estado, pelo processo descrito na **Era Lusfada**:

“Impõe-se uma República (ou qualquer outra forma de Governo) que frutifique em pleno século XX e mergulhe as raízes até o fundo heróico do Passado, de forma que ela seja o íntimo sentir da Raça organizado em leis modernas.(...)

O chefe de Estado seria eleito por bastantes anos e por todos os representantes dos Municípios, cujos presidentes reunidos anualmente (...) deveriam constituir as Cortes, com os presidentes de outras Associações (comerciais, científicas, operárias, etc.), as quais elegeriam e demitiriam os ministros.

*Às três entidades, Chefe de Estado, Ministério e Cortes competiria o governo da Nação. Portugal seria assim uma espécie de Confederação de Municípios, autónomos quanto à sua própria vida, mas intimamente ligados na vida comum nacional.”*¹⁷

É fácil verificar o quanto de vago existe nestas definições: Quais seriam exatamente as atribuições de cada uma das três entidades que governariam a nação? Quais seriam estas ‘outras associações’ cujos presidentes fariam parte das Cortes? Porém, mais importante do que a existência desta imprecisão é o fato de que esta proposta aparentemente concreta exige, para a sua efetiva concretização, um apelo ao mítico. O trecho que imediatamente segue ao citado por Pascoaes da **Era Lusfada** é o seguinte:

“Alguém virá que realize a grande obra necessária ao nosso ressurgimento. Há de aparecer o homem superior, cujo espírito seja a própria condensação, em definidas formas novas de actividade, das tradições políticas e religiosas do Paiz.

(...)

*Ele virá, e será violento como todo o creador de realidades imediatas, e será também religioso; a sua vida dilatar-se-há até o Deus da sua Raça... A igreja lusitana, a independente igreja primitiva, também ressurgirá sob o seu mais nobre impulso, para que todas as almas religiosas encontrem, na sua terra, o ambiente recitado da Oração.”*¹⁸

Creio que podemos agora entender a diferença central entre Pascoaes e Antero, que, como já dissemos, não tem como principal causa a época de produção de seus textos. Se em Antero existe um esvaziamento do religioso, em Pascoaes mesmo as suas propostas 'concretas' acabam exigindo a intervenção do mítico. Esta ausência de 'praticidade' em Pascoaes revela a face do interlocutor de sua interpeção. Enquanto Antero "lê" Portugal como um país inferiorizado em relação à Europa culta, pode propor medidas concretas, por mais que genéricas, para tirar Portugal do atoleiro em que o vê. É o Portugal concreto que ele interpela, o Portugal que está à margem dos progressos tecnológicos, científicos e sociais da Europa, principalmente sociais. Já Pascoaes, ao "ler" Portugal em sua especificidade mítica, afasta-se do Portugal concreto, no qual, como ele diz, a alma pátria

*"Chega a parecer estrangeira (...) tão desconhecida é dos portugueses"*¹⁹,

e se aproxima de um outro Portugal. Pascoaes, em um de seus movimentos, não só retira Portugal do complexo de inferioridade, retira-o da própria história que gerou este complexo e colocou-o para além da história. Por isto podemos notar em seu discurso um duplo apelo, frágil, incipiente, que é o apelo ao Portugal real, e o outro, ao Portugal da ordem do mítico, este, sim, grandioso. Pascoaes: não consegue inserir o seu Portugal-mítico no seu Portugal-real, grande demais aquele, pequeno demais este, nem consegue abdicar de vez do Portugal-real.

Podemos entender toda a 'cruzada Saudosista' de Pascoaes como a tentativa malograda, já na raiz, de transformar aquele pequeno povo sem destino terrestre convincente em nau mítica de uma nova religiosidade ocidental. Malograda na raiz, pois como algumas vezes chega mesmo a intuir, só com a invasão de uma figura do mítico na realidade concreta, o Portugal-real teria salvação. Só um novo D.Sebastião poderia rasurar a pequenez portuguesa e construir um novo Império, o da Era Lusfada. Pascoaes, João Evangelista desta nova crença, não encontra saída. Sem conseguir abdicar de um Portugal real em que

*"ninguém sabe que coisa quer/ ninguém conhece que alma tem"*²⁰,

vive um problema que caberá a Fernando Pessoa resolver. A meio caminho entre Antero e Pessoa, Pascoaes é o ponto de inflexão que permite entender o trajeto da interpretação da realidade portuguesa que vai de um a outro. Mas isto já é um outro assunto, para um outro momento. Antes de terminar, gostaria apenas de ler alguns trechos do poema "Aos Lusfadas", publicado na *Águia* em 1977, que é um desses raros momentos em que Pascoaes apela diretamente ao mítico para que intervenha no real de Portugal e chega a antecipar o Pessoa de **Mensagen**:

*"Ó Portugal, ó terra do meu berço,
Do meu corpo e da minha sepultura
Quizera-te cantar em alto verso!*

*Cantar novas proezas da Aventura
Grandes feitos de nova Tentação,
Que te elevem, ó Pátria, a imensa altura!*

(...)

*Chegue o instante da grande criação!
Volte a ser Viriato e Castro, o forte,
O phantastico rei Sebastião!*

(...)

*Acorda, Portugal, do teu desmaio!
Que o nevoeiro da lenda matutina,
Escureça, ribombe e gere o raio!*

(...)

*Ó Deus de Ourique, ouvi meu pobre canto,
Embora numa voz que já perdeu
A unção divina, a graça, o etéreo encanto!*

*Portugal, esse grande mausoleu,
Deslumbrá-o, fazei-o estremecer,
Quebrae-lhe a fria tampa, á luz do céu!*

*Que é nossa pobre sombra a padecer,
Phantasma secular, enfim, regresse
O Dom Sebastião do nosso sêr!*

(...)"21

NOTAS

1. LOURENÇO, Eduardo. *Da Literatura como Interpretação de Portugal. O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Publ. D. Quixote, 1982. 2.ed. p.123.
2. QUENTAL, Antero de. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares. Prosas Escolhidas de Antero Quental*. Rio de Janeiro, Edições Livros de Portugal, 1942. p.140.
3. PASCOAES, Teixeira de. *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo. Filosofia da Saudade*. Seleção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.p.21.
Sempre que voltarmos a citar este texto e obra, o faremos pela sigla ELS/FS.
4. ELS/FS. p.21-2.
5. PASCOAES, Teixeira de. *A Era Lusitana*. Porto, Renascença Portuguesa, 1914. p.28.
Sempre que voltarmos a citar esta obra, o faremos pela sigla EL.
6. EL. p.28.
7. PASCOAES, Teixeira de. *Renascença. A Águia*, 2º, I, 2, 1912.
8. ELS/FS. p.32.
9. ELS/FS. p.33.

10. QUENTAL, Antero de. op.cit. p.99.
11. QUENTAL, Antero de. op. cit. p.140.
12. PASCOAES, Teixeira de. O Gênio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa (excerto). **Filosofia da Saudade**. p.51.
Quando voltarmos a citar este texto e obra, o faremos pela sigla GP/FS.
13. EL. p.18.
14. ELS/FS. p.25.
15. ELS/FS. p.25.
16. GP/FS. P.35.
17. PASCOAES, Teixeira de. **Arte de Ser Português**. Lisboa, Edições Roger Delraux, 1978. 3.ed.p.57-60.
18. EL. p.25.
19. ELS/FS. p.23.
20. PESSOA, Fernando. **Mensagem**. IN: GALHOZ, Maria Aliete (org). **Obra Poética**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1984.p.23.
21. PASCOAES, Teixeira de. **Aos Lusíadas**. **A Águia**, 2º, X, 57-9, 1917.